

## **Polegarzinho**

Dias 7, 8 às 15h30

Dia 9 às 11h

No Pequeno Auditório – Sala Eduardo Prado Coelho

**Público- Alvo:** para maiores de 4

**Preço:**

Dias úteis: 2€

Fim-de-semana e feriados: 4€

***Três vezes  
Crescerá e minguará  
A lua  
E depois uma criança nascerá  
A força do gigante  
E a bravura do leão  
Ela terá  
E ainda que não seja  
Maior do que o polegar  
Dela se falará  
Até ao fim dos tempos***

Merlim

**Polegarzinho**  
FICHA ARTÍSTICA

encenação, texto e cenografia	<b>João Paulo Seara Cardoso</b>
marionetas, figurinos e ilustrações	<b>Júlio Vanzeler</b>
música	<b>Roberto Neulichedl</b>
desenho de luz	<b>Jorge Costa</b>
produção	<b>Sofia Carvalho</b>
interpretação	<b>Edgard Fernandes</b> <b>Sara Henriques</b> <b>Sérgio Rolo</b> <b>Shirley Resende</b> (pianista)
operação de luz e som	<b>Rui Pedro Rodrigues</b>
pintura de marionetas	<b>Emília Sousa</b>
assistente de produção	<b>Paula Anabela Silva</b>
técnicos de construção	<b>Vitor Silva</b> (coordenação) <b>Filipe Garcia</b> <b>Tânia Pinheiro</b> (estagiária)
construção de cenografia	<b>Américo castanheira, Tudo Faço</b>
coordenação de guarda-roupa	<b>Claúdia Ribeiro</b>
assistente de guarda-roupa	<b>Catarina Barros</b>
mestre costureira	<b>Celeste Marinha</b>
adrecista	<b>Dora Pereira</b>
apoio	<b>Balletatro Auditório</b>
companhia subsidiada por	<b>Ministério da Cultura</b> <b>Câmara Municipal do Porto</b> <b>Fundação Calouste Gulbenkian</b>

**CRITICAS**

---

## Um herói na ponta do dedo

Uma estreia do Teatro de Marionetas do Porto é sempre uma boa notícia! E estreou ontem a peça *Polegarzinho* destinada a um público mais jovem mas sem limites de idade. Se o TMP não é, desde o seu início nos idos de 1988, um grupo especialmente vocacionado para o público infanto-juvenil, não deixa desde sempre de ter uma reserva de encantamento e diversão para os mais pequeninos. Que o diga o seu mentor. O responsável pela maior parte da encenação e dramaturgia do TMP. João Paulo Seara Cardoso: “Ao querer abordar um conto de fadas, que desde sempre me interessaram, voltei a reler os contos tradicionais e as histórias dos clássicos que os reescreveram, desde o século XVI, o Perrault, os irmãos Grimm. O Hans Christian Andersen. E a escolha não foi imediata, porque eu acho todas as histórias fantásticas. Mas o *Polegarzinho* sempre me impressionou desde pequenino, e servia melhor os propósitos de encenação que queria fazer”.

O que preside a este espectáculo para o público mais novo? Contra a tendência actual muito imbuída de preocupações pedagógicas (não de hoje mas desde que as preocupações suavizaram os horrores dos contos tradicionais inventando a literatura infantil – mais acentuado com o universo de Disney), o encenador procurou o poder de maravilhar e apaziguar que têm os contos de fadas. A história do menino muito desejado que nasce do tamanho de um dedo polegar “tem situações muito variadas e adapta-se muito bem à marioneta, no fundo ele é já uma marioneta”. Logo desde a primeira cena (“quando Polegarzinho cai dentro da tigela do bolo que a mãe estava a fazer, e ela pensa que a massa está enfeitada e deita-o fora pela janela e...”.) se precipita a história do menino Polegar como se fosse uma lenga-lenga: “Fui buscar os episódios mais curiosos às diferentes versões da história, numa sucessão de peripécias até chegar ao castelo do Rei, onde começa a segunda parte, a mais importante e perigosa, quando tem de enfrentar o Gigante”, a ameaça terrífica dos contos de fadas.

Para a construção do espectáculo o encenador centrou-se na questão das escalas, tão bem representada com este herói minúsculo “que pode levar as crianças a identificarem-se: existem três escalas, a do polegarzinho, a dos actores (desde sempre nos interessa a situação dos actores à vista que manipulam e contracenam com as marionetas) e a do Gigante. No fundo a primeira dificuldade de relacionamento das crianças com o mundo é essa questão das escalas”. E se, ao montar esta peça, partiu inicialmente das memórias afectivas da infância, como a função da arte é “apaziguar”, reconciliar com o mundo, o encenador espera que o público que assiste a esta peça saia da sala com uma espécie de reconfronto, “mesmo se sentiu medo ou terror lá dentro”. E o sentido da peça é: “O mundo é muito maior que eu, as coisas são grandes e perigosas, mas se eu, pequenino, usar tudo o que tenho de bom, a coragem, a inteligência, posso vencer as dificuldades”.

Para criar esta unidade no espectáculo o TMP conta com a sua equipa habitual: a qualidade gráfica das marionetas, figurinos e ilustrações de Júlio Vanzeler, “que desta vez contribuiu decisivamente para o desenrolar da peça, que se desenrola como um livro de ilustrações”, com quadros fixos – e deu origem ao livro *da Campo das Letras* editado ontem a partir deste trabalho. Ainda a música de Roberto Neulicherl interpretada ao vivo pela pianista Shirley Resende, o desenho de luz de Jorge Costa e a interpretação de Edgard Fernandes, Marta Nunes e Sérgio Rolo.

Agarre no pequeno mais perto de si e leve-o como desculpa para entrar no território dos contos de fadas...

Sandra Oliveira  
in *Agenda*, Jornal de Notícias, 26 Maio 2002

## **TEATRO: o triunfo dos mais pequenos**

O palco é inclinado, mas não há “escorregadelas”. A história vai do princípio ao fim sem um momento de dispersão, numa atmosfera de conto infantil, daqueles pequenos e universais, que já nascem preparados para resistir ao tempo. Como o protagonista, de resto, uma personagem minúscula que leva de vencida um gigante. Qual David contra Golias, *Polegarzinho* simboliza as dificuldades de relacionamento dos mais novos com um mundo enorme e adverso, e é por isso que de imediato conquista a plateia, maioritariamente constituída por público infantil. Por isso e porque o Teatro de Marionetas do Porto, mais uma vez, constrói um objecto cénico que alia a economia narrativa a um universo visual encantatório.

Ao escrever o texto, que hoje mesmo, data da estreia, é editado em livro pela Campo das Letras, João Paulo Seara Cardoso, director artístico da companhia e encenador do espectáculo, inspirou-se livremente nas vendas clássicas – Joseph Jacobs, Pernaut, Grim e Andersen – e noutras que, entretanto, foram surgindo aculturizadas em diversos países, pela mão de escritores como Tom Thumb (Inglaterra), Tom Poucet (França) e João Polegar (Portugal). “Preocupe-me em focar aspectos da história do *Polegarzinho* que se adaptassem às nossas necessidades cénicas. Escrevi um texto de grande síntese, com o mínimo de palavras e floreios”, conta. Actualizar a narrativa original não foi um propósito nuclear de Seara Cardoso, para quem “uma das características destas histórias infantis do maravilhoso é serem símbolos intemporais das questões do desenvolvimento da criança”.

Imaginado exclusivamente para um público infantil, o espectáculo que hoje estreia no Balletteatro Auditório pode, em todo o caso, ser visto com agrado por adultos: “A fraqueza perante a imensidão do mundo é uma situação-arquétipo que encaixa tanto nuns como noutros. O polegarzinho conseguir vencer o gigante é uma catarse também para os adultos. E o mais interessante disto tudo está, justamente, em ver famílias a partilhar o prazer do teatro”.

De um lado do palco, há um ecrã onde vão sendo projectadas as ilustrações de Júlio Vanzeler (também autor das marionetas e dos figurinos), a uma cadência semelhante à do virar de página na leitura de um conto infantil; do outro, a pianista Shirley Resende toca a música composta por Roberto Neulichedl; ao centro, os actores (Edgard Fernandes, Marta Nunes e Sérgio Rolo) representam enquanto manipulam as marionetas.

No fim, para que uma eventual reacção de medo das crianças face à figura do gigante não subsista depois da peça, pergunta-se-lhes o que lhe aconteceu. Elas respondem, seguras. E vão para casa radiantes.

MARCOS CRUZ  
Diário de Notícias, 25/ Maio/ 2002

